

LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA EM DIÁRIO DE BITITA E QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Maria Lina da Silva Almeida¹

Resumo: O presente artigo visa analisar a leitura como transformação social da mulher na obra *Diário de Bitita e Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, o qual me deu inquietações para pesquisar tal temática e descobrir empoderamento da mulher negra da infância à juventude. Suas reflexões são importantes e impactantes para entender o contexto político e social do século XIX, período próximo à escravidão que nos faz visualizar o quanto os corpos negros eram invisibilizados perante uma sociedade racista, cristã e heterossexual. O *Quarto de Despejo* refere-se a sua luta diária para superar a fome e sair da favela do Canindé/grande São Paulo. Além disso, será feita uma breve relação dos romances intitulados com o artigo *Objetivo e Práticas de leituras de um novo Letrado: Estudo de um Percorso individual de um novo letrado*, de Michelle Cristine Medeiros Jacob & Viviany Moura Chaves. O artigo diz respeito à trajetória de AGO, um indivíduo oriundo dos meios populares, mas que com muita luta conseguiu estudar, montar uma biblioteca e publicar vários artigos e poesias. Procuramos nos deter nos trechos dos livros como fontes norteadoras, compreendendo suas reflexões e dialogando com outros temáticos.

Palavras-Chave: Mulher negra. Transformação Social. Relação Literária.

INTRODUÇÃO

Para contextualizar o nosso trabalho é necessário compreender a luta da mulher negra na sociedade, faz-se

¹ Maria Lina da Silva Almeida, mestranda no curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia-Campus.

necessário compreender a sua luta de infância e busca pela leitura, sobretudo, ter uma vida diferente dos seus familiares e vizinhos. Faz-se necessário também compreender sua ousadia de buscar compreender as coisas desde pequena. O primeiro romance, intitulado *Diário de Bitita*, trata-se de um romance memorialista, com vinte e dois capítulos, em que a autora discorre sobre sua infância e juventude, contextualizando relatos de racismo, convivência familiar e descrição dos fatos históricos que aconteceram no Brasil, isto é, a violência, a fome, o preconceito e a discriminação, sobretudo, os questionamentos diários de Bitita para entender isso tudo. Uma criança de quatro anos, mas atenta para saber sobre os assuntos que aconteciam à sua volta, isto é, a violência doméstica, a falta de moradia, saúde, falta de acesso à escola, alimentação, entre outros.

Tudo isso são fatores realçados que deixavam Bitita nervosa, triste e ao mesmo tempo resiliente para compreender a exclusão dos negros naquele período. Pensamos que Bitita era uma criança ousada, destemida, crítica e observadora. O segundo romance trata-se do *Quarto de Despejo* da mesma autora e publicado na década de 60. Nesse romance, a mulher negra Carolina traz a dura realidade de morar na favela do Canindé-grande São Paulo, em uma casa de tábuas, mãe de três crianças, solteira e catadora de papel, lata, ferro, etc.; a qual foi obrigada a conviver com as brigas diárias dos vizinhos.

Mas apesar disso tudo, Carolina Maria de Jesus, buscava na escrita, uma forma de mudar de vida, sendo esta também seu refúgio para a libertação das opressões. É pertinente ressaltar que a escrita foi a sua salvadora, pois ela escrevia para desabafar e aliviar o que sentia. Cabe lembrar quem foi essa escritora, Carolina Maria de Jesus, mulher negra, neta de pessoas escravizadas, doméstica, trabalhadora de roça, catadora de papel, mãe de três filhos, romancista, poeta e sambista. Ela conseguiu

vencer diversos desafios e se consagrar uma das maiores escritoras negras brasileiras, sucesso também no exterior.

LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA

Conforme o *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus estudou somente até a segunda série do primário, mas conseguiu levar o seu nome para as prateleiras das livrarias e ser discutida em algumas universidades, a exemplo da UNEB, Campus II. Falecida em 1977, após cair no anonimato, ela nos deixa da sua trajetória de superação, os seguintes livros de sua autoria: *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria*, *Pedaço de Fome*, *Diário de Bitita*, provérbios, poesias e peças teatrais. Como é sabido, Carolina lutou para vencer na vida, diante de vários obstáculos, a exemplo da fome, doença, violência e o racismo, opressões impostas pela sociedade.

Nos dois livros, *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita*, há relação do amor pela leitura e pela escrita, bem como perspectivas de mudanças para uma vida melhor. Entretanto, nascida em 1914, período recente a escravidão, a menina Carolina nota os dramas enfrentados pelos negros na sociedade, a exemplo, da falta de moradia, direitos aos estudos, alimentação, entre outros. Assim, de certa forma, ela sentia a necessidade de ver negros intelectuais, advogados, professores, médicos e leitores. Devido à mesma não ter quase referência de sujeitos negros que lessem e escrevessem, sem oportunidades de crescimentos, mesmo assim ela sonhou conquistar uma vida diferente da qual seus semelhantes não tinham, e para isso, ela se espelhou em poucos negros intelectuais daquele período:

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! Eu pensava: Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta aprendeu a ler, por que é que eu não hei de aprender?

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade [...] (JESUS, 2007, p. 50).

A negra Isolina é vista como uma referência para Carolina. Portanto, o fato de ver uma negra lendo é orgulho e incentivo para ela também ler, admirar, desejar ser semelhante, um reflexo a incentivá-la a criar coragem e aprender a ler e escrever. Desse desejo vai surgindo o interesse pelo universo da leitura e da escrita. Há, desse modo, o desejo e uma necessidade de se tornar uma grande estudiosa, mas o que a desanimava era o complexo de inferioridade que os doutores de Coimbra colocavam nos negros. Mas apesar do racismo enfrentado por Carolina, ela conseguiu cursar a segunda série do primário e se tornar uma aluna de destaque entre os alunos brancos, demonstrando sua consciência em aprender a ler e escrever.

A relação de Bitita e a escola é algo conflituoso, principalmente por ser a escola um espaço estranho, que muitos alunos brancos discriminavam os alunos pretos, identificando como inferiores. Também sua aproximação com a professora que gera um conflito, não somente por ela estar em um espaço diferente, mas pelo fato dela ainda mamar:

Então a senhora não tem vergonha de mamar?

— Não tenho!

— A senhora está ficando mocinha, e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. [...] Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus?

Fiquei furiosa e respondi com insolência:

Meu nome é Bitita.

— O teu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia alguém pronunciar meu nome (JESUS, 2007, p. 151).

Mas esse conflito é algo passageiro na vida de Bitita, mesmo tendo levado a pequena a odiar a escola inicialmente,

mas, quando ela passa a ler, a escola se torna indispensável em sua vida. A leitura foi a descoberta mais significativa para a vida da menina, uma vez que passou a compreender melhor o mundo. Sua curiosidade e olhar crítico foram se ampliando muito mais.

Logo, começa a redescobrir o mundo ao ler tudo o que estava à sua volta, a exemplo dos nomes de lojas, “Casas Brasileiras, Armond Goulart”, os escritores brasileiros, tudo que pertencia ao Brasil, “Farmácia Modelo”. Com isso, Bitita chega furiosa em casa à procura de um livro para fazer novas leituras e, diante da sua fúria, a mãe lhe pergunta se estava louca:

[...] Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

— O que é isto? Está ficando louca?

— Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livro. Era uma casa pobre (JESUS, 2007, p. 154).

O ambiente pobre para Bitita relaciona-se pelo fato de não ter livros, de ser um ambiente onde não usufruía da leitura e da escrita, mas ela encontra um livro na casa do vizinho e pega para lê-lo. “Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance da Escrava Isaura. Eu que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidir que deveria ler tudo mencionasse a escravidão o que foi a escravidão” (JESUS, 1983, p. 126).

A leitura, como forma de descoberta do mundo, passa a conquistar Carolina em todos os aspectos, tanto é que ela passa a ler, com assiduidade, tudo o que encontra, lendo livros e fazendo as sínteses; e, assim, Carolina vai aumentando seu interesse pelos livros, não mais deixando de ler.

Entretanto, apesar de amar tanto a leitura e a escrita e das mesmas serem inseparáveis na sua vida, ela é obrigada abandonar a escola, pois apareceu um homem à procura de uma mulher para viver com ele em uma fazenda e perguntou a sua mãe se ela não

queria viver com ele, assim a mãe dela aceitou. Com isso, Carolina é obrigada a deixar o estudo e lastima: “[...] Foi com pesar que eu deixei a escola. Chorei porque faltava dois anos para eu receber meu diploma. O único meio foi resignar-me, porque a decisão paterna é quem vence” (JESUS, 1983, p. 128).

Vale ressaltar que Carolina deixou à escola, mas não abandonou os estudos, como explica Vera Eunice na entrevista *Carolina Maria de Jesus: fala sobre vida e obra da escritora 2014*. Vera Eunice diz que, quando Carolina Maria de Jesus chegou a São Paulo começou trabalhar com o doutor Zerebines, ele solicitava que durante a folga ela poderia sair para passear, mas ela se recusava e preferia ficar na biblioteca do seu trabalho lendo livros.

A relação da mulher com a escrita também se faz presente no *Quarto de Despejo*. Como pode ser constatado na citação abaixo:

Eu estava nervosa anteriormente, ia maldizendo a sorte [...]. Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas e lenha. Vinha pensando. Quando chegar na favela vou encontrar novidades. Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com os meus filhos. Encontrei a Vera Eunice dormindo e os meninos brincando na rua. [...]. O nervoso anterior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma anterior para ler. Peguei uma revista e sentei no capim para ler, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão (JESUS, 2007, p. 9).

Tendo como base a citação acima e as leituras adquiridas no livro, Carolina só vai à favela, porque não tem outro lugar para morar, visto que, o seu sonho é sair daquele ambiente, lugar esse que ela e seus filhos não têm sossego. A leitura também se faz presente no trecho “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui” (JESUS, 2007, p. 7).

De acordo com Daniela Palma, “a escrita é o elemento principal de deslocamento de Carolina na favela, seu diário tem

como mote a sua pertença comunitária (a favela é o lar da escritora “favelada”), mas o fato de escrever cria o movimento de não pertencimento (confinamento no barraco, o sentimento de ser e não ser da comunidade)”. Como foi dito, Carolina odeia a favela, mas não há como amar um lugar onde existem brigas constantes dos vizinhos. Um lugar sem saneamento básico, sem uma casa digna para morar — conceituado por Carolina como *Quarto de Despejo*.

“Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo” (JESUS, 1960, p. 22). Como já foi mencionado, mesmo diante de tantos obstáculos, isto é, a fome e do cansaço diário, a escrita e a leitura é algo sagrado.

Em suma, essa mulher catadora de papel não gostava desse ofício, seus sofrimentos diários lhe causavam angústias, sobretudo vendo os vizinhos baterem em seus filhos. Diante da vida precária que ela levava diariamente, catando papel e quaisquer outros objetos que pudessem vender, mesmo morando nesse local, essa mulher finge que isso tudo é um sonho. “Faz de conta que eu estou sonhando” diz a autora (JESUS, 2007, p. 26).

De acordo com Elisângela Aparecida Lopez (2018), de modo geral, as mulheres negras buscam na escrita um modo de se libertar e talvez mudar de vida, denunciando sobre as agruras da sociedade, suas dores e o que acontecem à sua volta. “Eu escrevo, porque preciso escrever”. Carolina escreve, pois ela precisa se refugiar e denunciar os fatores sociopolíticos e sociais que aconteciam no país. Sua escrita é testemunho, contexto social e denúncia de abandono de vidas humanas que gritavam e não eram ouvidas.

Ainda com base nas palavras de Elisângela Aparecida Lopez (2018), “A escrita da experiência vivenciada ou a literatura de

testemunho de Carolina Maria de Jesus caracteriza-se não só pela descrição intimista, mas também por um forte tom de denúncia”. “Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde joga os lixos” (JESUS, 2007, p. 27).

Em suma, essa é uma comparação chocante e realista que a escritora faz da cidade de São Paulo, quem não conhecia a realidade da favela do Canindé e outras favelas, podem fazer uma leitura, não somente desse trecho, mas de todo o livro e refletir sobre as situações que os povos negros e pobres enfrentam.

Com base no artigo *A poética dos resíduos em quarto de despejo: por uma dietética da escassez*, de Michelle Cristine Medeiros Jacob & Viviany Moura Chaves, *Quarto de despejo* é uma obra literária que possibilita incursões sobre temas relacionados a desfechos sociais como: a relutância sobre a inserção da mulher negra nos escritos literários, preconceito de gênero, raça e condição socioeconômica, desigualdade social, marginalidade, pobreza, etc. Nesse referido artigo, os autores também comentam sobre o preconceito enfrentado por Carolina devido ela ser preta, mãe solteira, entre outros.

Os autores em análise também se apoderam de teóricos como Pinto; Medeiros (2011), pois eles, em seu trabalho, abordam a questão da fome no interior das discussões literárias e perpassam diversas obras da literatura de renome, sendo uma temática marcada pela sua dureza, miséria e precariedade. Para esses autores, no Brasil, a miséria e a falta de alimentos compõem inúmeras páginas de obras renomadas das quais utilizavam a escrita para evidenciar críticas, hostilidades de uma vida tomada por dificuldades impostas pelo meio de singularidade do homem regionalista, etc.

Consoante os autores, na década de 30, alguns autores como Raquel de Queiroz em *O quinze* (1930), Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938), José Lins do Rego em *Menino de engenho* (1932), entre outros, abordaram o tema da fome nos chamados “romances nordestinos” ou “romances de 30”. Mas que essa temática só passou a ser mais destacada em *Quarto de Despejo*.

Por que será que temas como a fome não poderiam ser expostos nos romances? Para não subestimar as cidades mais desenvolvidas do Brasil? Então, de alguma forma, o que Carolina escreveu foi incômodo para as elites de brasileiras na década de 60, dado que cidade como São Paulo estava no auge do crescimento, sendo que o *Quarto de Despejo* foi sucesso de venda em várias cidades brasileiras, e, sobretudo no exterior?

Como afirma Michelle Cristine Medeiros Jacob & Viviany, na obra, Carolina utiliza a escrita como um fator protetor perante a vulnerabilidade social instalada ao seu redor, usando-a para registrar de acordo com sua perspectiva as constantes lutas em busca da sobrevivência. A literatura como expressão artística tem cumprido seu papel de disseminador do conhecimento humanístico, do ato de criação e da produção artística.

Assim, o artigo dos autores é de fundamental importância, pois possibilita que os leitores se aprofundem mais no *Diário de Bitita* e em *Quarto de Despejo*, fazendo-os evidenciar com mais profundidade, compreendendo e retirando temáticas relevantes a serem discutidas nos espaços educacionais, culturais, entre amigos ou até mesmo sozinho.

Quarto de Despejo e *Diário de Bitita* relacionam-se com o artigo *Objetivo e Práticas de leituras de Um novo letrado: Estudo de um Percurso individual de um novo letrado*, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Poliana Janaína Prates de Oliveira, no artigo

intitulado, as autoras falam sobre a trajetória de AGO, um indivíduo oriundo dos meios populares.

Segundo as pesquisadoras, o indivíduo pesquisado nasceu em 1899, em Jaboatão, cidade da Zona da Mata pernambucana cerca de 20 km do Recife, capital do estado. Filho de um funcionário de engenho semialfabetizado e de uma dona de casa, trabalhou a maior parte de seu tempo em escritório como contador de uma usina de açúcar.

Após a escolarização inicial do próprio engenho em que nasceu realizou os preparatórios para o ensino secundário em uma colona agrícola seleciona, prestou com sucesso os exames para a obtenção do diploma desse nível de ensino e ingressou na universidade como agrônomo, mas não concluiu. Publicou em vários jornais e a partir dos 70 anos publicou seus escritos, incluindo os jornais, correspondência, poesias, etc.

Em suma, AGO mencionado pelas pesquisadoras, bem como Carolina Maria de Jesus e diversos outros escritores subalternos, as escolas e universidades desconhecem e ficam invisíveis dos cânones literários. As pesquisadoras não relatam a importância de (AGO) para a cidade de Recife, lugar onde nasceu. Elas mencionam que ele foi um leitor local, cuja pretensão foi montar uma biblioteca com seus livros e outros adquiridos com ajuda dos seus familiares.

Embora não esteja presente no artigo, a ação do sujeito pesquisado é de cunho social, pois de qualquer forma ele contribuiu para o bem social do lugar onde nasceu, bem como para a sociedade, seja através da sua obra ou devido ele construir ao longo de sua vida uma biblioteca com um volume significativo de obras.

Portanto, fica comprovado que a busca de AGO mencionado pelas referidas autoras era uma construção de uma

biblioteca em seu bairro, para que as pessoas tivessem acesso aos livros, bem como as suas poesias e artigos. Dado isso, a construção da biblioteca feita por AGO é transformação social, pois vários sujeitos utilizarão para estudos.

Assim, tantos os livros *Quarto de despejo* e *Diário de Bibita* relacionam-se como o artigo *Objetivo e Práticas de leituras de Um novo letrado: Estudo de um Percurso individual de um novo letrado*, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Poliana Janaína Prates de Oliveira, pois eles têm em comum transformarem suas vidas e de outras pessoas, e ambos utilizam a leitura e a escrita como transformação social.

CONCLUSÃO

Como podemos observar nas obras *Diário de Bitita* e *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e no artigo *Objetivo e Práticas de leituras de Um novo letrado: Estudo de um Percurso individual de um novo letrado*, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Poliana Janaina Prates de Oliveira, a leitura e a escrita transformaram as vidas dos sujeitos mencionados, pois Carolina Maria de Jesus conseguiu a sua própria casa, a qual tanto almejava, deixando a vida miserável da favela, além disso, ela é estudada em várias universidades brasileiras e no exterior, seus livros publicados em vários idiomas.

Desse mesmo modo é o artigo *Objetivo e Práticas de leituras de Um novo letrado: Estudo de um Percurso individual de um novo letrado*, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Poliana Janaína Prates de Oliveira, no qual o objetivo de AGO é construir uma biblioteca para a população da sua região.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Viviany Moura & JACOB, Michelle Cristine Medeiros. *A poética dos resíduos em quarto de despejo: por uma dietética da escassez*. file:///C:/Users/ESS6A3/Downloads/29997-110468-1-PB.pdf.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; OLIVEIRA, Poliana Janaina Prates de. *Objetivo e Práticas de leituras de Um novo letrado: Estudo de um Percurso individual de um novo letrado*. 1 ed. Belo horizonte. MG: Autêntica, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: o diário de uma Favelada*: São Paulo. Ed.1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LOPES, Elisângela Aparecida. *A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo*.

SANTOS, Marcela Ernesto dos. *A opressão feminina em diário de Bitita*. II Colóquio da Pós-Graduação em Letras UNESP, 2017.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977)*, Ponto-e-vírgula, 2: 97-112, 2007.